

“PAPAI, EU QUERO UMA EMBAIXADA”: SOBRE A INDICAÇÃO DE EDUARDO BOLSONARO E AS RELAÇÕES ENTRE O JÁ-DITO E O EFEITO DE NOVIDADE

Daléxon Sérgio da Silva¹
Éderson Luís Silveira²

Resumo: Este artigo promove um gesto de leitura e de interpretação, por meio da análise discursiva de um vídeo intitulado “Papai, eu quero uma embaixada”, publicado no dia 14 de julho de 2019, no 26º episódio de “Isso a Globo Não Mostra”, um quadro de humor do Fantástico, em referência à indicação de Eduardo Bolsonaro para ser embaixador do Brasil nos Estados Unidos, feita pelo seu pai, o presidente do Brasil, Jair Bolsonaro. Nessa conjuntura social, esse vídeo se inscreve como materialidade discursiva, que parodia, numa rede de memórias, favorecendo uma releitura da música “Papai, eu quero me casar”, de Os Trapalhões. Assim, baseado no dispositivo teórico-analítico da Análise do Discurso de linha francesa (AD), alicerçado nas formulações de Pêcheux, considerando a reterritorialização dessa disciplina de interpretação por Orlandi no Brasil e a continuidade por demais estudiosos, este artigo se propõe a mobilizar os conceitos de sujeito, ideologia, memória e formações discursivas para analisar como sujeito e sentido se constituem mutuamente, a partir do já-dito e do efeito de novidade, por meio do lugar social que os sujeitos ocupam e da ideologia que interpela indivíduos em sujeitos, inscritos numa formação discursiva que determina o que pode e o que deve ser dito.

Palavras-chave: Bolsonarismo. Sujeito. Ideologia. Memória discursiva. Formação discursiva.

“PAPA, I WANT AN EMBASSY”: ON THE INDICATION OF EDUARDO BOLSONARO AND THE RELATIONS BETWEEN THE ALREADY-SAID AND THE EFFECT OF NOVELTY

Abstract: This article promotes a gesture of reading and interpretation, through the discursive analysis of a video entitled “Daddy, I want an embassy”, published on July 14, 2019, in the 26th episode of “Isso a Globo Não Mostra”, a humorous picture of Fantástico, in reference to the appointment of Eduardo Bolsonaro to be Ambassador of Brazil in the United States, made by his

1 Pós-Doutor e Doutor em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), com Doutorado-Sanduíche Pela Universidade de Lisboa e Universidade Aberta de Lisboa – Portugal.

E-mail: dalexon@uol.com.br Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-5977-361X> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3367601407002005>

2 Vice-Líder do Grupo de Pesquisa Michel Foucault e os Estudos Discursivos (CNPq/UFAM). Doutor e Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: ediliteratus@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8483-4656> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9636609353277293>

father, the president of Brazil, Jair Bolsonaro. In this social conjuncture, this video is inscribed as discursive materiality, which parozes, in a network of memories, favoring a rereading of the song “Daddy, I want to get married”, by Trapalhães. Thus, based on the theoretical-analytical device of French Line Discourse Analysis (AD), based on Pêcheux’s formulations, considering the reterritorialization of this discipline of interpretation by Orlandi in Brazil and the continuity by other scholars, this article proposes to mobilize the concepts of subject, ideology, memory and discursive formations to analyze as subject and meaning constitute each other, from the already said and the effect of novelty, through the social place that the subjects occupy and the ideology that interrogates individuals in subjects, enrolled in a discursive formation that determines what can and should be said.

Keywords: Bolsonarism. Subject. Ideology. Discursive memory. Discursive formation.

Considerações iniciais

A indicação do deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL/SP) para embaixador nos Estados Unidos, feita por seu pai, o presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, repercutiu de forma negativa a se avolumar do Oiapoque ao Chuí em território brasileiro. Desse modo, várias autoridades se posicionaram contra tal indicação devido ao fato de a considerarem nepotismo. A título de exemplo, o jornal GGN veiculou, no dia 12 de julho de 2019, a seguinte reportagem: “Marco Aurélio diz que Eduardo Bolsonaro como embaixador é nepotismo” (GGN, 2019). Nela, é afirmado que o Ministro do STF havia sinalizado que a ação mencionada seria um “tiro no pé” caso o presidente confirmasse a indicação do próprio filho para a embaixada do Brasil nos EUA.

Em meio às polêmicas acerca da indicação de Eduardo Bolsonaro à embaixada dos EUA, no dia 14 de julho de 2019 o quadro televisivo intitulado “Isso a Globo não mostra”, do Fantástico, debochou da família Bolsonaro e deu destaque à polêmica decisão do presidente do Brasil de oferecer a embaixada dos Estados Unidos da América ao seu filho. Por meio de uma releitura da música “Papai, eu quero me casar”³, de Os Trapalhães, o Fantástico criou a paródia

“Papai, eu quero uma embaixada”⁴, com Eduardo pedindo as embaixadas da Holanda, da França e, por fim, dos EUA.

Ao comentar sobre a Holanda, a canção faz referência ao esquema de laranjas do qual o senador Flávio Bolsonaro, irmão de Eduardo, é acusado de ter envolvimento. Nessa versão da música, Bolsonaro nega embaixadas da Holanda, por ser “laranja”, e da França devido ao jeito delicado de os franceses falarem, mas oferece ao filho a embaixada nos EUA. Assim, a voz do presidente Bolsonaro afirma que na Holanda Eduardo não ficaria bem, porque a seleção da Holanda é laranja, e o seu irmão, o senador Flávio Bolsonaro, iria querer ir para lá também, em referência ao suposto escândalo do laranjal do PSL, que envolve Flávio e Queiróz, conforme denunciado pelo Ministério Público do Rio de Janeiro⁵.

Nesse ponto, antes de o Fantástico começar a mostrar a paródia, o quadro humorístico “Isso a Globo não mostra” iniciou com a entrevista concedida por Eduardo Bolsonaro, na qual ele enuncia que tem os requisitos necessários para ser credenciado para ocupar o cargo de embaixador do Brasil nos EUA. O deputado

3 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LM6fhgreMjQ&ab_channel=CristianoSoares>> Acesso em: 20 out. 2021.

4 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WkOfbz0NHus&ab_channel=WellingtonVideosProdu%C3%A7%C3%B5es>> Acesso em: 20 out. 2021.

5 Disponível em: <<<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/11/04/ministerio-publico-do-rj-denuncia-flavio-bolsonaro-por-organizacao-criminosa-peculato-e-lavagem-de-dinheiro.ghtml>>> Acesso em: 20 out. 2021.

federal, então, argumenta afirmando que fez intercâmbio nos Estados Unidos e “fritou hambúrguer no frio do Maine”⁶.

Em compartilhamentos quase que instantâneos ao evento da veiculação, o vídeo do Fantástico espalhou-se pelas mídias sociais e foi republicado por vários veículos de comunicação, produzindo diversos efeitos de sentido, associados a críticas, revoltas, ironias, comédias, entre outros. Acerca disso, pode ser mencionado, por exemplo, o fato de que o site da UOL publicou no dia 16 de julho de 2019, a seguinte manchete: “Caixa posta vídeo que satiriza Bolsonaro: Papai, eu quero uma embaixada” (TEIXEIRA, 2019, n. p.). Na matéria, o jornalista Lucas Borges Teixeira afirmou que a conta oficial da Caixa Econômica Federal no Twitter postou o referido vídeo do Fantástico na segunda-feira, dia 15 de julho, satirizando a possível indicação do deputado Eduardo Bolsonaro (PSL-SP) para a embaixada do Brasil nos Estados Unidos, mas também é informado que, em seguida, o banco em questão teria deletado a publicação.

Para que se tenha uma ideia da repercussão, podem ser mencionadas algumas matérias: também no dia 16 de julho de 2019, o site da revista Fórum fez referência ao vídeo do quadro do Fantástico com a seguinte matéria jornalística: “Quadro do Fantástico, da Globo, ironiza Eduardo Bolsonaro em hit papai, eu quero uma embaixada” (FÓRUM, 2019). O site destacou trechos da música que fazem referências ao possível esquema de laranjas e corrupção no qual são acusados o senador Flávio Bolsonaro e o seu ex-assessor Queiróz. Ainda no dia 16 o site Brasil de fato apresentou a seguinte manchete: “Congresso reage à sinalização de Eduardo Bolsonaro para embaixada: Desmoralização” (SAMPAIO, 2019). Na ocasião, a matéria de Cristiane Sampaio enunciou que a nomeação do filho de um chefe do Executivo para uma

embaixada não tem precedentes na história da república brasileira.

Diante disso, sob inscrição nesses acontecimentos sociais, o vídeo apresentado pelo Fantástico será analisado, neste trabalho, não como um simples vídeo com uma canção, mas como unidade de sentido em relação à situação, como inscrição no simbólico, que (d)enuncia (n)a exterioridade constitutiva, inscrita na historicidade que traz o já-dito e um efeito de novidade, por meio da tensão entre o mesmo e o diferente, ou seja, entre o já-dito e o a-se-dizer. Trata-se de analisar, como pontua Silveira e Costa (2018), os fenômenos discursivos que tornaram possível a emergência de dizeres não-democráticos em um sistema que se apresenta como sendo democrático.

Nesse foco, este trabalho pretende responder às seguintes questões de pesquisa: (i) Que efeitos de sentido são produzidos a partir da circulação desse vídeo publicado pelo Fantástico? (ii) De que modo a memória discursiva sobre a indicação de Eduardo Bolsonaro para embaixador dos EUA se mostra nesse vídeo? (iii) De que posição enunciam os sujeitos Eduardo Bolsonaro e Jair Bolsonaro apresentados nesse vídeo? Para responder a essas questões de pesquisa, este trabalho está filiado ao arcabouço teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa, tal qual delineado por Pêcheux na França, reterritorializado no Brasil por Orlandi e ampliado por demais estudiosos.

As concepções teórico-metodológicas de sujeito, ideologia, memória e formação discursiva na perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa

É preciso pontuarmos que, na Análise do Discurso pecheutiana, o linguístico e o histórico não são campos díspares, mas se complementam. Eles são campos constitutivos no processo de significação dos sentidos. Por tal motivo, há os deslocamentos de sentidos e, de acordo com Grigoletto (2013), também, a reiteração à con-

6 Disponível em: <<<https://valor.globo.com/politica/noticia/2019/07/12/fritei-hamburguer-nos-eua-diz-eduardo-bolsonaro-sobre-ser-embaixador.ghtml>>> Acesso em: 20 out. 2021.

cepção de sujeito cindido. Esse sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia, pois ele é descentrado e afetado pelo real da história, não podendo controlar o modo como ela o afeta, como bem compreende Orlandi (2017). Sendo assim,

[...] o sujeito lacaniano, clivado, dividido, mas estruturado a partir da linguagem, fornecia para a AD uma teoria do sujeito condizente com um de seus interesses centrais, o de conceber os textos como produtos de um trabalho ideológico não-consciente. Calcada no materialismo histórico, a AD concebe o discurso como uma manifestação, uma materialização da ideologia decorrente do modo de organização dos modos de produção social. Sendo assim, o sujeito do discurso não poderia ser considerado como aquele que decide sobre os sentidos e as possibilidades enunciativas do próprio discurso, mas como aquele que ocupa um lugar social e a partir dele enuncia, sempre inserido no processo histórico que lhe permite determinadas inserções e não outras. Em outras palavras, o sujeito não é livre para dizer o que quer, mas é levado, sem que tenha consciência disso [...], a ocupar seu lugar em determinada formação social e enunciar o que lhe é possível a partir do lugar que ocupa (MUSSALIM, 2003, p.111).

Do exposto, a AD entende o sujeito, a linguagem e os sentidos como partes de um todo interacional e indissociável. O sujeito da AD é clivado porque é dividido entre o “eu” e “o outro” e, nesse âmbito, o discurso se configura como a relação entre sujeitos e sentidos, entendidos como aquilo que insere o linguístico em articulação com a história, com a ideologia. Nessa compreensão, baseado em Courtine e Marandin (1981), vemos que a AD concebe a linguagem como um lugar de conflito e de opacidade que, com a conjunção da história, constitui, por sua vez, um sujeito descentrado, dividido, incompleto.

Nesse viés, retomando Pêcheux (2014, p. 163):

[...] quando o sujeito diz ‘eu’, o faz a partir de uma inscrição no simbólico e inserido em uma relação imaginária com a ‘realidade’, [...] algo produzido após a entrada do sujeito no simbólico e impede que o sujeito perceba ou reconheça sua constituição pelo Outro [...].

É dessa forma que, pela inscrição no simbólico, o sujeito se mostra em sua inserção na história e, em outras palavras, é afetado ideologicamente.

Sob esse viés, podemos afirmar que o ponto de partida do sujeito da AD é *o outro*, ou seja, o *outro* da linguagem e da historicidade. O *Outro*, de acordo com Lacan (1998, p. 193), “é o campo... onde o sujeito tem que aparecer.” É, pontualmente, nessa perspectiva que Lacan (1957) evidencia que em relação ao sujeito, não se trata de um fenômeno, mas de algo que é estrutural, um sujeito que é marcado pela linguagem, articulado à cadeia dos significantes, sendo no ato da fala que ele pode surgir, o que fica explícito quando ele se pergunta no Seminário 5 (cinco), cujo subtítulo é “As Formações do Inconsciente”:

[...] o que é um sujeito? Será alguma coisa que se confunde, pura e simplesmente, com a realidade individual que está diante de seus olhos quando vocês dizem o sujeito? Ou será que, a partir do momento em que vocês o fazem falar, isso implica necessariamente uma outra coisa? (...) quando há um sujeito falante, não há como reduzir a um outro, simplesmente, a questão de suas relações como alguém que fala, mas há sempre um terceiro, o grande Outro, que é constitutivo da posição do sujeito enquanto alguém que fala (LACAN, 1957, p.58).

Para Lacan (1957), é a partir da fala e do modo como esta é endereçada ao outro que podemos escutar e identificar o sujeito e, na medida em que o sujeito é falante, sua relação com o outro não se fecha numa relação dual, já que inclui um terceiro, o “grande outro”. Do exposto, fica pontuado que o sujeito do discurso é um termo usado para especificar o estatuto, o lugar

e a posição do sujeito que enuncia em meio a realização de um ato de linguagem.

Diante dessa concepção, Indursky ainda acrescenta:

[...] para a AD, a categoria de sujeito não é idealista por ser interpelado ideologicamente, [...], o sujeito, ao produzir seu discurso, o faz a partir de determinadas posições de sujeito, igualmente ideológicas. Tais posições, contudo, não transformam esse sujeito em uma figura que decide livremente seu discurso, pois se trata de um sujeito socialmente constituído. No entanto, por não ter consciência de seu assujeitamento, mantém fortemente arraigada a ilusão de ser plenamente responsável por seu discurso e suas posições (INDURSKY, 1997, p. 27-28).

Do externado, apreendemos que para a Análise do Discurso de linha francesa, o sujeito, de fato, não é origem do sentido nem elemento de onde se origina o discurso, pois ressaltamos a compreensão de que ele não é único, já que há diversas posições-sujeito, que estão relacionadas com determinadas formações discursivas e ideológicas. Nessa guisa de considerações, o sujeito está sempre interpretando e, ao interpretar, produz sentido.

Se o sujeito, na Análise do Discurso pecheuxtiana, é posição entre outras, na medida em que se posiciona no seu discurso, passa a subjetivar-se diante da posição na qual está inserido. Todavia, Pêcheux (1969) entende que essa subjetivação é regulada pela língua, levando ao equívoco da impressão idealista da origem em si mesmo do sujeito.

Pêcheux (2014) afirma que é por meio da identificação do sujeito com a FD que o domina que a interpelação (assujeitamento) se dá e transforma-o em sujeito de seu discurso. Assim, o sujeito não pode ser concebido como um indivíduo que fala, pois quem, de fato, fala, é uma instituição, ou uma teoria, ou uma ideologia, pois o sujeito passa a ser concebido como aquele que desempenha diferentes papéis de acordo com as várias posições que ocupa no espaço in-

terdiscursivo. Também é importante assinalar, a partir de Pêcheux (1969), que o funcionamento da ideologia, em geral pensada como interpelação dos sujeitos, acontece por meio do complexo das formações ideológicas e atribui a cada sujeito a sua realidade, enquanto sistema de evidências e de significações percebidas, aceitas e experimentadas.

É desse modo que ideologia e inconsciente trabalham simultaneamente nesse processo. Pode-se, então, falar de identificação ou de processos de identificação. Isso equivale a falar de uma tomada de posição, que é atravessada pela ordem da ideologia e do inconsciente. Desse modo, desde sempre, o sujeito é interpelado pela ideologia. Nesse ponto, a identificação do sujeito é marcada por uma singularidade, que vai determinar o seu assujeitamento em relação à ideologia, processo que é inconsciente, sendo, portanto, a ideologia, neste trabalhado, compreendida como um conjunto de relações imaginárias do sujeito com as suas condições reais de existência.

Desse modo, a partir dos mecanismos de funcionamento da linguagem, podemos concluir que não são os lugares empíricos, ocupados pelos sujeitos, que determinam os dizeres, mas a representação que o sujeito faz de si, do outro, do outro em relação a si e também do referente. Logo, é a representação que o sujeito faz desse interlocutor que direciona a produção de seu discurso. Vale ressaltar que a existência de relações de sentido possível sinaliza para o fato de que não há discurso original – todo discurso faz parte de um processo: é determinado por dizeres prévios e aponta para dizeres não-ditos. Aqui, merece destaque o papel da memória discursiva. Acerca disso, Pêcheux situa que:

[...] a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os 'implícitos' (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

Pêcheux (1999, 1984) afirma que todo discurso se constitui a partir de uma memória e do esquecimento de outro discurso. Nesse ponto, os sentidos vão se construindo no embate com outros sentidos. Assim, a memória é o saber discursivo, o já-dito, são os sentidos aos quais já não se tem mais acesso, que foram constituídos ao longo de uma história e que estão imbricados na história dos sujeitos.

Já o conceito de formação discursiva (FD) foi criado por Foucault e deslocado com outros vieses por Pêcheux. Em suas concepções teóricas acerca da formação discursiva, Pêcheux busca centralizar suas pesquisas, focando o elemento ideológico já que, na compreensão dele, a ideologia é materializada no discurso. Assim, para Pêcheux, a FD está, pelo menos em seu início, intimamente relacionada à noção de formação ideológica, decorrente da leitura que ele fez da obra *Aparelhos Ideológicos do Estado*, de Althusser, o que, por conseguinte, explica o seu estreito laço com o marxismo. Assim, Pêcheux expõe seu conceito:

chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, em uma formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina “o que pode e o que deve ser dito”, articulado sob a forma de uma alocução, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc. (PÊCHEUX, 2014, p. 147).

Dessa forma, ao chegar a essa concepção de formação discursiva, o autor compreende que a diferença entre duas formações discursivas está contemplada no elemento ideológico, nas lacunas que favorecem a movimentação e impedem a cristalização dos sentidos. Assim,

as formações ideológicas de que acabamos de falar comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas que determinam o que pode e deve ser dito (articulando sob a forma de uma arenga, um sermão, um panfleto, uma exposição, um pro-

grama, etc) a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa certa relação de lugares num interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes (PÊCHEUX; FUCHS, 1993, p. 166).

Do que foi dito, podemos observar, nas palavras de Pêcheux, a presença da heterogeneidade da formação discursiva. O autor prossegue com essas reflexões e comprova que no interior de uma FD coexistem discursos provenientes de outras formações discursivas, o que implica no assinalamento da diferença e da contradição, como características constitutivas de uma FD, na compreensão de que os discursos fazem parte de formações ideológicas e discursivas, associadas, sempre, a uma memória social.

Pêcheux (1993) amplia seus estudos e destaca que as formações discursivas sempre se correspondem com outras formações discursivas, ou seja, baseiam-se em outras formações discursivas para elaborarem seu próprio discurso. Assim, Pêcheux (1997) compreende que a formação discursiva é o lugar de articulação entre língua e discurso. Por conseguinte, as palavras, expressões, proposições etc., possuem sentido a partir da formação discursiva na qual são produzidas. É desse modo que o autor explica como funciona a relação do sujeito com o discurso e com a ideologia.

De acordo com Brandão (2004), o sujeito atribui imagens do interlocutor, do referente e de si. Assim, essas imagens constituem o processo de elaboração discursiva, pois se remetem a mecanismos de funcionamento da linguagem. Dessa forma, as relações de sentido, as relações de força e de antecipação são condicionadas pelas formações imaginárias:

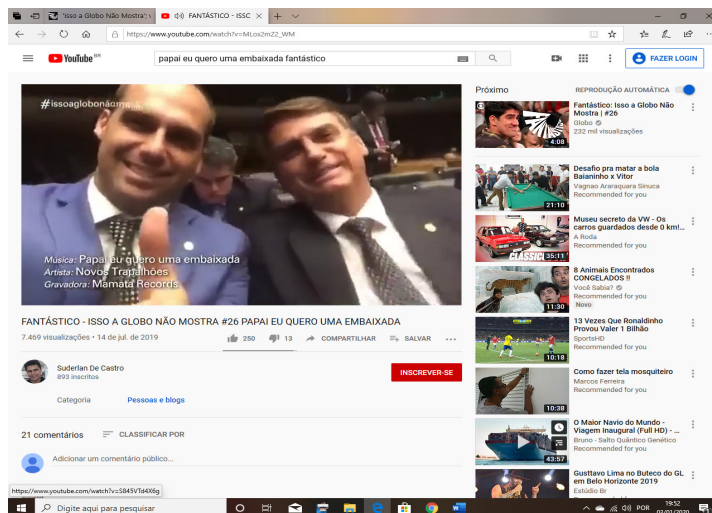
[...] no discurso, as relações entre esses lugares, objetivamente definíveis acham-se representadas por uma série de “formações imaginárias” que designam o lugar que destinador e destinatário atribuem a si mesmo e ao outro a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro (BRANDÃO, 2004, p.44).

É desse modo de funcionamento que, no mecanismo da antecipação, o sujeito coloca-se no lugar do destinatário e, dessa maneira, o sujeito representa, em suas formações imaginárias, o outro, prevendo os efeitos de sentido de suas palavras. O locutor regula seu discurso conforme os efeitos que espera reproduzir no interlocutor. Desse modo, na relação de forças, o sentido das palavras é regulado de acordo com o lugar social ocupado pelo sujeito-falante.

Nessa perspectiva, a posição social ocupada pelo sujeito falante é inerente ao seu dizer. Acerca disso, Pêcheux (1990) tece seus estudos observando que certos dizeres dominam outros dizeres, segundo a representação que se faz do lugar social ocupado por aquele que enuncia. Assim, aquilo que o sujeito espera que faça sentido para o interlocutor é também uma interpretação de um discurso anterior que faz parte da formação imaginária do sujeito falante. O mecanismo imaginário acessa esse sentido já dado em discursos anteriores e produzido em condições em que fazia sentido. É dessa forma que o mecanismo imaginário produz imagens dos sujeitos, assim como do objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórica.

1. Um gesto teórico-analítico pelo viés da Análise de Discurso pecheuxiana

Figura 1 – Recorte 1 (vídeo)



Fonte: G1 (2019)

Título: PAPAÍ, EU QUERO UMA EMBAIXADA

Papai, eu quero uma embaixada.

Escolhe uma que o papai vai ver se tem, tá Okey?

Eu quero ser embaixador da Holanda.

Lá na Holanda, você não fica bem!

Por que, papai?

A seleção da Holanda é laranja e seu irmão vai querer ir pra lá também.

Papai, eu quero uma embaixada.

Escolhe uma que o papai vai ver se tem.

Eu quero ser embaixador na França.

Mas lá na França, você não fica bem!

Por que, papai?

Porque o francês faz biquinho e fala “ui” e filho meu não vai fazer isso daí.

Papai, eu quero uma embaixada.

Escolhe uma que o papai vai ver se tem, tá Okey?

Eu quero a embaixada dos States.

A dos States, papai gosta também!

Que bom, papai!

De início, é importante pontuar que a possível indicação do deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL) para ser embaixador do Brasil nos Estados Unidos mobilizou efeitos de sentido de ironia no vídeo, a partir de sua veiculação no quadro Isso a Globo Não Mostra.

Pode ser mencionado, ainda, que a atração do Fantástico iniciou com a fala do filho do presidente, conhecido midiaticamente como “número 03” do presidente Jair Bolsonaro. No vídeo, o deputado Eduardo Bolsonaro diz que teria atributos necessários para assumir o posto de Embaixador do Brasil nos Estados Unidos: “Tenho uma vivência pelo mundo, já fiz intercâmbio, já fritei hambúrguer lá nos Estados Unidos”. Tais atributos, utilizados como “justificativa” pelo deputado federal Eduardo Bolsonaro como requisitos para ser embaixador do Brasil nos Estados Unidos, foram reverberados numa música no ritmo da marchinha de carnaval Mamãe, eu quero, que, no já-dito, foi parodiada pelo antigo programa de humor, Os Trapalhões, sob o título Papai, eu quero me casar. Aqui, numa relação de retomada, pelo funcionamento da memória discursiva, a música recebeu o título de Papai, eu quero uma embaixada, analisada, neste artigo, como unidade de sentido em relação à situação mencionada.

Por meio do mecanismo de antecipação, por meio do qual, de acordo com Orlandi (2003, p. 39), “todo o sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que seu interlocutor ‘ouve’ suas palavras”, é possível observar que a música parodiada mobilizou efeitos de sentido de ironia em relação aos possíveis lugares/países desejados pelo deputado federal Eduardo Bolsonaro.

No primeiro momento, a marchinha, inserida numa relação imaginária com a “realidade”, coloca em cena o deputado Eduardo Bolsonaro em um diálogo simulado em que o pai, o presidente Jair Bolsonaro, diz para o filho, Eduardo, que pode escolher qualquer embaixada

que quiser, pois na posição-sujeito de presidente do Brasil, por meio da qual ocupa lugar de poder, no cargo de chefe do executivo do Brasil, se houver uma embaixada em determinado país, o seu pai poderá lhe conceder. Então, o “filho 03” escolhe ser embaixador da Holanda: “Eu quero ser embaixador da Holanda”, mas, em seguida, recebe uma resposta negativa do sujeito presidente-pai: “Lá na Holanda, você não fica bem!”. Logo, aparece a pergunta do deputado (filho): “Por que, papai?” e a resposta que tem aparição como sendo formulada pelo sujeito presidente (pai) mobiliza efeitos de sentido sobre supostos atos criminosos que circulam inscritos na historicidade sobre a família Bolsonaro: “A seleção da Holanda é laranja e seu irmão vai querer ir pra lá também”.

A menção à cor laranja não é uma escolha de cores, pois, por meio do funcionamento da memória discursiva, ela produz efeitos de sentido de denúncia, de humor e de escárnio, entre outros. É desse modo que a imagem da família Bolsonaro atrelada à cor laranja se mostra apontando para a exterioridade que mobiliza discursivamente um já-dito (o escândalo do esquema de laranjas na vida política do senador Flávio Bolsonaro, dos ministros e apoiadores do presidente, quando filiado ao PSL, partido ao qual a família Bolsonaro é/foi filiada), por meio de alguma coisa que fala antes noutro lugar (o discurso mobilizado pela imprensa, a ampla circulação midiática do escândalo do laranjal do PSL, das rachadinhas, por exemplo). Dito de outro modo, essa menção à cor laranja na música possui uma forma material, que denuncia, na exterioridade linguística a ela associada, a existência da corrupção praticada pela família Bolsonaro.

Assim, de acordo com Silva:

a presença da imagem do laranjal da família Bolsonaro faz acionar as formações imaginárias acerca do lugar social que é inscrito nessa formação discursiva na qual a família Bolsonaro foi inscrita e projetada para vencer as eleições (família tradicional defensora dos “bons costumes”). Então, não é especificamente o lugar social que é afetado

em seu funcionamento, mas o lugar social marcado pelo imaginário, pois é o imaginário desse lugar que deixa de funcionar, apontando para a incompletude do sujeito (SILVA, 2019, p. 175).

Logo, de acordo com Silva (2019), se os Bolsonaros se projetam em busca de completude no padrão moral dos bons costumes e, nesse imaginário social, venceram as eleições, o acionamento da cor laranja traz a família Bolsonaro mostrada na busca pela completude por meio dos laranjais da corrupção brasileira. Assim, tem aparição uma expressão valorativa que está ligada a um acontecimento político associado ao irmão de Eduardo: “Seu irmão vai querer ir pra lá também”. Logo, é possível entender que o senador Flávio Bolsonaro, irmão do deputado Eduardo Bolsonaro, iria se interessar também em ir para a Holanda pela associação à cor laranja-corrupção (o MP – RJ o acusa de ter usado Fabrício Queiroz como laranja). Tal jogo enunciativo, entre outros elementos, como a remissão à música, o ritmo das falas dos sujeitos representados na materialidade verbovisual, produz um efeito humorístico no vídeo.

Nessa análise, é possível observar que o sujeito desejante deputado Eduardo Bolsonaro se mostra dividido, descentrado, cindido em sua estrutura, em sua posição-sujeito de deputado ao desejar uma tomada de posição para o cargo de embaixador e, ao mesmo tempo, de filho que se reporta ao pai, que tem aparição numa relação de hierarquia entre os sujeitos, ao pedir algo a ele. De acordo com Pêcheux (1969), a incompletude é uma propriedade do sujeito, pois é o desejo de completude que permite deslocamentos, pela natureza dispersa do sujeito. É desse modo que o sujeito deputado/filho é mostrado na música parodiada. Assim, ele continua sua saga em busca de uma embaixada, que pode ser doada pelo seu pai, presidente do Brasil.

Desse modo, o deputado/filho, pensado como posição-sujeito pelo viés das formações imaginárias, é apresentado prosseguindo em sua segunda escolha entre as possíveis embaixadas e

novamente solicita ao seu pai: “Papai, eu quero uma embaixada”. Mais uma vez, o sujeito Bolsonaro é mostrado descentrado de sua posição de presidente, que deve julgar com equidade os pedidos que lhe são feitos, mas que, em conivência com uma relação paterna protecionista, ele se posiciona como um pai que busca realizar os gostos do seu filho mimado, mesmo que o filho não se mostre responsabilmente preparado para receber tal presente, pois o pai-presidente enuncia: “Escolhe uma que o papai vai ver se tem”.

Em seguida, no diálogo apresentado na música, o filho 03 do presidente, migra de desejo de embaixada/país e diz: “Eu quero ser embaixador na França”, porém, mais uma vez, o pai, que se mostra autoritário, ao ponto de decidir sobre a vida profissional futura do filho adulto, a partir das posições-sujeito de pai e de presidente do Brasil, responde: “Mas lá na França, você não fica bem!”. O filho/deputado demonstrando surpresa, logo pergunta: “Por que, papai?” e o pai-presidente responde: “Porque o francês faz biquinho e fala ‘ui’ e filho meu não vai fazer isso daí”.

Ao analisar, na música, o enunciado proposto pelo pai-presidente Jair Bolsonaro: “Porque o francês faz biquinho e fala ‘ui’ e filho meu não vai fazer isso daí”, pode-se reportar a afirmativa de Pêcheux (1999), ao se referir à concepção de memória discursiva, quando este menciona que todo discurso se faz a partir de um processo: é determinado por dizeres prévios e aponta para dizeres não-ditos. Nesse ponto, é possível compreender o funcionamento da memória discursiva no enunciado apresentado no início desse parágrafo, a partir da formação discursiva de extrema direita na qual o presidente se posiciona socialmente como conservador, pois, nesse lugar que ele ocupa, “fazer biquinho e falar ui” pode funcionar como algo delicado, como sinônimo de “frescura”, algo que não seria adequado a um homem “macho”, na ótica do presidente Bolsonaro, por isso, o termo seguinte: “filho meu não vai fazer isso daí”.

É preciso situar, nesse âmbito, que há redes de discursivização que estão associadas a modos de enunciar acerca da produção da masculinidade (SILVEIRA; LOPES, 2020). Logo, o termo linguístico “isso daí”, constantemente mobilizado pelo presidente Bolsonaro ao enunciar para os seus seguidores, funciona como pressuposto que aponta para a exterioridade que é constitutiva desse lugar de enunciação, ao definir o que ele considera como pertencente ao universo masculino, com constantes críticas a traços de comportamentos associados culturalmente ao universo feminino presentes na comunidade gay, por exemplo. Assim, “se a masculinidade é da ordem da produção [...], ao reafirmar modos de existência da masculinidade, ocorre a subalternização de outras formas de (re) existência” (SILVEIRA; LOPES, 2020, p. 101).

Vale lembrar que, no dia 06 de outubro de 2018, o jornal Folha de São Paulo trouxe uma reportagem intitulada Veja 11 frases polêmicas de Bolsonaro, em uma delas, o presidente afirma: “Seria incapaz de amar um filho homossexual. Não vou dar uma de hipócrita aqui. Prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí” (FOLHA, 2018, n. p.). Nesse ponto, é possível compreender que os termos linguísticos “filho meu não vai fazer isso daí” funcionam ecoando já-ditos sobre o que “convém” ao universo masculino e, desse modo, funcionam restabelecendo os “implícitos”, no âmbito da mobilização da memória discursiva que “seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita” (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

Findando a música, o diálogo previsto entre o deputado Eduardo Bolsonaro e o seu pai-presidente continua com a insistência, pela terceira vez, do filho diante do desejo de que seu pai realize a sua vontade de ser embaixador: “Papai, eu quero uma embaixada”. Mais uma vez, o pai se posiciona como aquele que deseja

mimar o filho, satisfazendo os seus gostos: “Escolhe uma que o papai vai ver se tem, tá Okey?” Logo, o filho, desejanste pelo estabelecimento de um(efeito de um)a completude profissional numa embaixada, faz seu novo pedido: “Eu quero a embaixada dos States”, mas desta feita, a resposta do pai é contrária as demais, ao invés da negativa, o pai-presidente enuncia uma resposta positiva ao pedido do filho 03: “A dos States, papai gosta também!” Ao perceber que o papai deu sinal de aprovação, o filho-deputado exprime efeito de sentido de satisfação: “Que bom, papai!” Logo, o pai justifica o porquê da aprovação: “Nos States, você tem experiência, fala inglês e frita hambúrguer muito bem!”.

É importante mencionar, ainda, que o efeito de humor estabelecido também ocorre devido ao fato de que os requisitos para trabalhar na embaixada não fazem remissão a tarefas e funções associadas ao cargo, o que acentua a proximidade de um efeito de nepotismo, desde o início do vídeo. Desse modo, a política paternalista se confunde com a vida íntima familiar em que “embaixada” é sinônimo de “presente” que o pai escolhe para o filho. Tais características estão associadas a elementos que marcam a velha política, dos conchavos, dos acordos obscuros no Congresso Nacional e com o Centrão⁷, por exemplo, que sustentam a permanência da corrupção e transformam a política nacional num “toma lá dá cá” sem fim. Trata-se de

7 Trata-se de um bloco informal na Câmara dos Deputados que reúne parlamentares de partidos de centro e de centro-direita. Para se entender a importância da aliança com o Centrão, deve-se considerar que os votos dos políticos daí oriundos correspondem à aproximadamente metade dos 513 parlamentares da Câmara. Entre os que compõem o Centrão estão os partidos PP (40 deputados), PL (39), Republicanos (31), Solidariedade (14) e PTB (12). Além disso, o PSD (36), o MDB (34) e o DEM (28) tendem a se alinhar com o grupo mencionado, assim como também o fazem alguns partidos menores, como o PROS (10), o PSC (9), o Avante (7) e o Patriota (6). A origem do termo remonta à Constituição de 1988, e se referiu, desde o início, a uma maioria de políticos que se juntaram para decidir pautas nacionais na Câmara. Já o Centrão atual teve surgimento em 2014, sob a liderança de Eduardo Cunha (RJ).

uma política que busca afastar limites e controles para aumentar lucros e benefícios de alguns (CASARA, 2020).

Finalmente, cabe ressaltar que Eduardo Bolsonaro desistiu da indicação para ocupar o posto de Embaixador do Brasil nos EUA em 22 de outubro de 2019. Isso porque houve resistência por parte dos parlamentares brasileiros sobre a indicação e não houve garantia de que haveria votos suficientes para que a indicação fosse aprovada. Em um discurso após a desistência, Eduardo Bolsonaro enunciou:

Este que vos fala, filho de militar do Exército brasileiro e deputado federal, que foi zombado por ter tido aos 20 anos um trabalho digno e honesto em restaurantes de fast food nos Estados Unidos, diz que fica no Brasil para defender os princípios conservadores, para fazer do tsunami que foi a eleição de 2018 uma onda permanente (EDUARDO BOLSONARO apud **DEUTSCHE WELLE8, 2019, n. p.**).

No entanto, se não ficou com a embaixada, restou para Eduardo a liderança do PSL na Câmara dos Deputados no Brasil, para que continuasse defendendo a pauta conservadora que tem marcado a agenda do partido. Vale destacar que o PSL foi o partido por meio do qual o pai, Jair Bolsonaro, se elegeu presidente. Sem experiência diplomática nem apoio do Senado para a nomeação como embaixador, a indicação do filho de um presidente para o cargo da embaixada do Brasil nos EUA – coisa que nunca havia acontecido na história republicana nacional, o fato de um presidente indicar seu filho para o cargo – acabou não vingando.

Considerações finais

A indicação do presidente do Brasil de que seu filho pudesse ser embaixador do Brasil nos Estados Unidos gerou controvérsias, tendo culminado com a desistência do filho do presi-

dente, após assumir o cargo de Líder do PSL, partido que levou seu pai à vitória na eleição presidencial de 2018. Munidos do arcabouço teórico-metodológico da Análise do Discurso de Michel Pêcheux e comentadores, buscamos, neste texto, trazer uma análise do vídeo parodístico no qual pai e filho são satirizados em rede nacional no âmbito de um programa dominical de expressiva audiência popular.

A essa altura, então, é preciso retomar as questões da pesquisa: (i) Que efeitos de sentido são produzidos a partir da circulação desse vídeo publicado pelo Fantástico? (ii) De que modo a memória discursiva sobre a indicação de Eduardo Bolsonaro para embaixador dos EUA se mostra nesse vídeo? (iii) De que posição enunciam os sujeitos Eduardo Bolsonaro e Jair Bolsonaro apresentados nesse vídeo?

Diante disso, vale destacar que a remissão à música e o ritmo das falas dos sujeitos representados na materialidade verbovisual produzem um efeito humorístico no vídeo. Assim, ao invés de pensar Eduardo e Jair Bolsonaro como indivíduos, eles são pensados como sujeito deputado/filho e sujeito presidente/pai, que têm aparição na música parodiada. Na posição-sujeito de deputado, o filho deseja uma embaixada e se reporta ao pai, numa relação hierárquica de interação entre ambos, que remete não apenas a uma situação familiar, mas que produz efeitos de nepotismo, devido ao cargo que ocupam no regime presidencialista nacional. Nesse interim, a memória discursiva tem relação com os sentidos produzidos no decorrer da história, e aos já-ditos, que estão imbricados na história dos sujeitos.

Some-se a isso o fato de que o efeito de humor se estabelece a partir do fato de que um dos elementos que aparece como justificativa para que o sujeito na posição de deputado-filho possa trabalhar na embaixada não seja um elemento associado ao cargo, mas trata-se de uma característica aleatória, sem ligação com as funções de embaixador (fritar hambúrguer). Tal assertiva corrobora para a alusão a um efeito de nepotis-

8 Trata-se de uma **emissora internacional da Alemanha que produz jornalismo independente em 30 idiomas.**

mo escancarado, no âmbito da parodização da música. É assim que a política paternalista se assenta na vida íntima familiar, fazendo com que “embaixada” seja sinônimo de “presente” que o pai escolhe para o filho. Esse paternalismo está associado à velha política, que transforma o Senado Federal em um aglomerado de ações de ir e vir, num “toma lá dá cá” sem fim, sustentando, desse modo, a permanência da corrupção.

Assim, as formações imaginárias, a questão das posições-sujeito, da discursivização de enunciados que são produzidos em meio à repetição e a singularidade dos já-ditos e os efeitos de novidade daí apreendidos são conceitos, mas também modos de lançar luzes para um evento discursivo particular. Diante disso, acentuamos a presença da política protecionista e de conchavos e alianças obscuras, levados ao extremo e ao ridículo, sustentados pelas ações de sujeitos associados à corrupção que veem decisões importantes como lugar de oportunidades de razões questionáveis sob o ponto de vista da ética. Nesse interim, se ações antidemocráticas podem ser tomadas em um governo que se apresenta como sendo democrático, este artigo buscou trazer considerações teórico-analíticas acerca de fenômenos discursivos que tornaram possível a emergência desses discursos.

REFERÊNCIAS:

BRANDÃO, Helena H. *Nagamine. Introdução à análise do discurso* 2. ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

CASARA, Rubens R. R. *Bolsonaro o mito e o sintoma*. São Paulo: Contracorrente, 2020.

COURTINE, Jean-Jacques; MARANDIN, Jean-Marie. *Quel Object pour l'analyse du discours? Materialités discursives*. Lille: Press Universitaires, 1981.

DEUTSCHE WELLE. Eduardo Bolsonaro desiste de ser embaixador nos EUA. Deutsche Welle, 22 out. 2019, n. p. Disponível em: <<[\[-bolsonaro-desiste-de-ser-embaixador-nos-eua/a-50944678\]\(https://www.dw.com/pt-br/eduardo-bolsonaro-desiste-de-ser-embaixador-nos-eua/a-50944678\)>> Acesso em: 20 de out. 2021.**](https://www.dw.com/pt-br/eduardo-</p></div><div data-bbox=)**

FOLHA DE SÃO PAULO. Veja 11 frases polêmicas de Bolsonaro. Folha, 06 out. 2018, n. p. Disponível em: <<<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/veja-11-frases-polemicas-de-bolsonaro.shtml>>> Acesso em: 20 de out. 2021.

FÓRUM. Quadro do Fantástico, da Globo, ironiza Eduardo Bolsonaro em hit “papai, eu quero uma embaixada”. Fórum, 15 jul. 2019, n. p. Disponível em: <<<https://revistaforum.com.br/politica/bolsonaro/quadro-do-fantastico-da-globo-ironiza-eduardo-bolsonaro-em-hit-papai-eu-quero-uma-embaixada/>>> Acesso em: 20 out. 2021.

G1. ‘Isso a Globo Não Mostra’; veja o 26º episódio. G1, 14 set. 2019, n. p. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2019/07/14/isso-a-globo-nao-mostra-veja-o-26oepisodio.ghtml?utm_source=twitter&utm_medium=social&utm_content=post&utm_campaign=fant>> Acesso em: 20 out. 2021.

GGN. Marco Aurélio dia que Eduardo Bolsonaro como embaixador é “nepotismo”. GGN, 12 jul. 2019, s. p. Disponível em: <<<https://jornalggm.com.br/noticia/marco-aurelio-diz-que-eduardo-bolsonaro-como-embaixador-e-nepotismo/>>> Acesso em: 20 out. 2021.

GRIGOLETTO, Marisa. Sujeito, subjetivação, inconsciente e ideologia. In: GRIGOLETTO, Marisa; CARMAGNANI, Anna Maria. (Org.). *Língua, discurso e processos de subjetivação na contemporaneidade*. São Paulo: Humanitas, 2013.

INDURSKY, Freda. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. Campinas: Unicamp, 1997.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: Princípios e procedimentos*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2003.

- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Eu, tu, ele: discurso e real da história*. Campinas: Pontes, 2017.
- LACAN, Jacques. (1957). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. (1957-58/1998) *O Seminário livro 5. As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- MUSSALIM, Fernanda. *Análise do discurso*. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2003.
- _____. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In: PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso*. Tradução de Eni P. Orlandi et al. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009 [1978]. p. 269-281.
- _____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014 (1978).
- _____. *Rôle de la mémoire*. In: MALDIDIER, D. (Org.). *Histoire et Linguistique*. Paris: Editions de La Maison des Sciences de l'Homme, 1984.
- PÊCHEUX, Michel. (1969). In: GADET, Françoise; HACK, Tony. *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- _____; FUCHS, C. *A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975)*. In: GADET, F.; HACK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1993.
- _____. *O discurso: Estrutura ou acontecimento*. 2. ed. São Paulo: Pontes, 1997.
- _____. *Papel da memória*. In: ACHARD, P. et AL. (Org.). *Papel da memória*. Tradução e introdução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.
- SAMPAIO, Cristiane. *Congresso reage à sinalização de Eduardo Bolsonaro para embaixada: "Desmoralização"*. Brasil de Fato, 16 jul. 2019, n. p. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2019/07/16/congresso-reage-a-sinalizacao-de-eduardo-bolsonaro-para-embaixada-desmoralizacao>> Acesso em: 20 out. 2021.
- SILVA, Daléxon Sérgio da. *O que é golden shower? Efeitos de sentido produzidos por internautas sobre o lugar de presidente de Bolsonaro em publicações no twitter*. Revista DisSol, ano 05, n. 09, p. 163-181, jan./jun/ 2019.
- SILVEIRA, Éderson Luís. *Efeito Bolsonaro: anatomia do autoritarismo*. In: SILVEIRA, Éderson Luís; COSTA, Leonard Christy Souza. *Os efeitos do autoritarismo: práticas, silenciamentos e resistências (im) possíveis*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2018. p. 15-38.
- SILVEIRA, Éderson Luís; LOPES, Lucas Rodrigues. *Análise das representações da(s) masculinidade(s) em editoriais da Men's Health*. REVISTA DE LETRAS - JUÇARA, v. 04, p. 101-114, 2020.
- TEIXEIRA, Lucas Borges. *Caixa posta vídeo que satiriza Bolsonaro: "Papai, quero uma embaixada"*. UOL, 16 jul. 2019, n. p. Disponível em: <<<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/07/16/caixa-posta-video-que-satiriza-bolsonaro-papai-quero-uma-embaixada.htm?cmpid=copiaecola>>> Acesso em: 20 out. 2021.